VIDA
DE
JOÃO DE BARROS
POR
MANOEL SEVERIM DE FARIA
E
INDICE GERAL
DAS QUATRO
DECADAS
DA SUA ASIA.

LISBOA
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.
ANNO MDCCLXXVIII.
Com Licença da Real Meza Censoria, e Privilegio Real.

VIDA
DE
JOÃO DE BARROS
Por MANOEL SEVERIM DE FARIA.

NA Républica de Athenas (que entre os antigos foi a primeira, que ensinou a honrar com premios públicos as virtudes excellentes dos Cidadãos) não se via levantado maior número de estatuas aos Capitães, que aos Escritores, antes eram estes tanto mais galardoados, que só a Demetrio Falereo discipulo de Teofrasto dedicáram mais de 300 em seu louvor; e muito mór cuidado puzeram em escrever as vidas dos seus Filosofos, e Oradores, que as dos Principes, e Capitães da mesma Républica. Moviam-se, parece, os Athenienses a premiar tão largamente o trabalho da Escritura, não só por elle ser espiritual, e o da Milicia corporal pela maior parte, mas por ainda nesta parte lhe levarem os Escritores muita ventagem, porque na Milicia não póde hum Capitão alcançar vitoria sem o valor dos soldados, a quem deve grande parte de sua gloria; mas os Escritores acabam não menores emprezas na composição de suas obras, sem se valerem nellas mais que de seu tra-

balho, e valor proprio. E do mesmo modo na Milicia trabalham muitos pela conservação de hum só Principe, ou Governador, que muitas vezes he hum tyranno da République; e na Escritura hum só trabalha pela conservação de todos, e faz com ella viver na lembrança dos homens aquelles, que pela patria entregáram liberalmente as vidas, e conservando a memoria das cousas passadas, dá regra para acertar nas futuras. Porém como este bom costume de Athenas tem cessado ha muitos annos, vemos agora isto pelo contrario, sendo muitos os que escrevem historias de Capitães, e raros os que se occupam em nos dar noticia dos que as escrevêram, particularmente neste Reyno, onde ainda que não he pequena a falta que temos do conhecimento dos Escritores antigos, he mais pera sentir o pouco que commummente se alcança do nosso grande João de Barros, trabalhando elle toda a vida por illustrar a patria, e deixar de seus naturaes gloriosa memoria. Pelo que por não perecer de todo com o tempo a que delle ainda se conserva, e por satisfazer em parte á obrigação em que todos os Portuguezes lhe estamos, direi o que delle pude alcançar, assi por informações de pessoas graves, que delle tinham noticia, como do que elle mesmo de si re-

fe-

fere em ſeus livros, e de outras eſcrituras que pertencem a ſuas couſas.

Naſceo João de Barros pelos annos de mil e quatrocentos e noventa e ſeis. Sobre o lugar da patria ha varias opiniões; porque como o naſcimento dos bons, ſegundo Santo Ambroſio, ſeja bem commum, pertendem muitos ſer delle participantes. Huns affirmam que he de Braga, confundindo (póde ſer) ſeu nome com o do Doutor João de Barros Author da Deſcripção dentre Douro, e Minho, que della foi natural; outros o fazem de Viſeu, onde ſeu pai foi morador, e ainda tem parentes, e alguns de Villa Real, e finalmente muitos o tem por natural do Pombal, porque alli teve ſua fazenda, e alli ſe retirou muitas vezes a huma quinta ſua, e eſta eſcolheo por vivenda na ultima velhice, que he o tempo, em que os homens tornam com natural deſejo a buſcar a patria para acabar, parece, o circulo da vida no ponto donde a começáram. Seu pai ſe chamou Lopo de Barros, peſſoa nobre, e dos principaes deſta familia, porque era filho de Lopo de Barros, e neto de Alvaro de Barros ſenhor do morgado de Moreira, junto á Braga, que dizem ſer fundador do Moſteiro de Requião da Congregação de S. João Evangeliſta, cujo avô foi Martim Martins de

Bar-

Barros, hum dos mais antigos Fidalgos, que se acham desta linhagem, os quaes tomáram o appellido do lugar de Barros entre Douro, e Minho, e naquella Comarca possuem ainda alguns morgados, e antigamente tiveram lugares com jurdicção. Destes foi hum Nuno Fernandes de Barros, a quem ElRey D. Pedro deo a terra de Perozello, e Gonçalo Nunes de Barros, que por mercê d'ElRey D. João I. foi senhor de Castro de Airo de juró, e herdade. E ainda que esta linhagem tenha estas, e outras semelhantes memorias; de que se póde gloriar, não a honráram menos os Varões que nella se dedicáram ás letras, entre os quaes (além do nosso João de Barros bastante por seu engenho pera illustrar muitas familias) se deve perpétuo louvor a Dom Frei Braz de Barros (primo irmão do mesmo João de Barros) Religioso que foi de S. Jeronymo; e depois primeiro Bispo de Leiria, o qual sendo por sua virtude, e doutrina eleito Reformador dos Conegos Regulares de Santa Cruz de Coimbra, além de reduzir aquella casa, e Religião á sua antiga observancia, persuadio a ElRey Dom João III. que impetrasse a desmembração das rendas de Santa Cruz pera fundação da insigne Universidade de Coimbra, com que deo occasião, e princípio a florecerem os

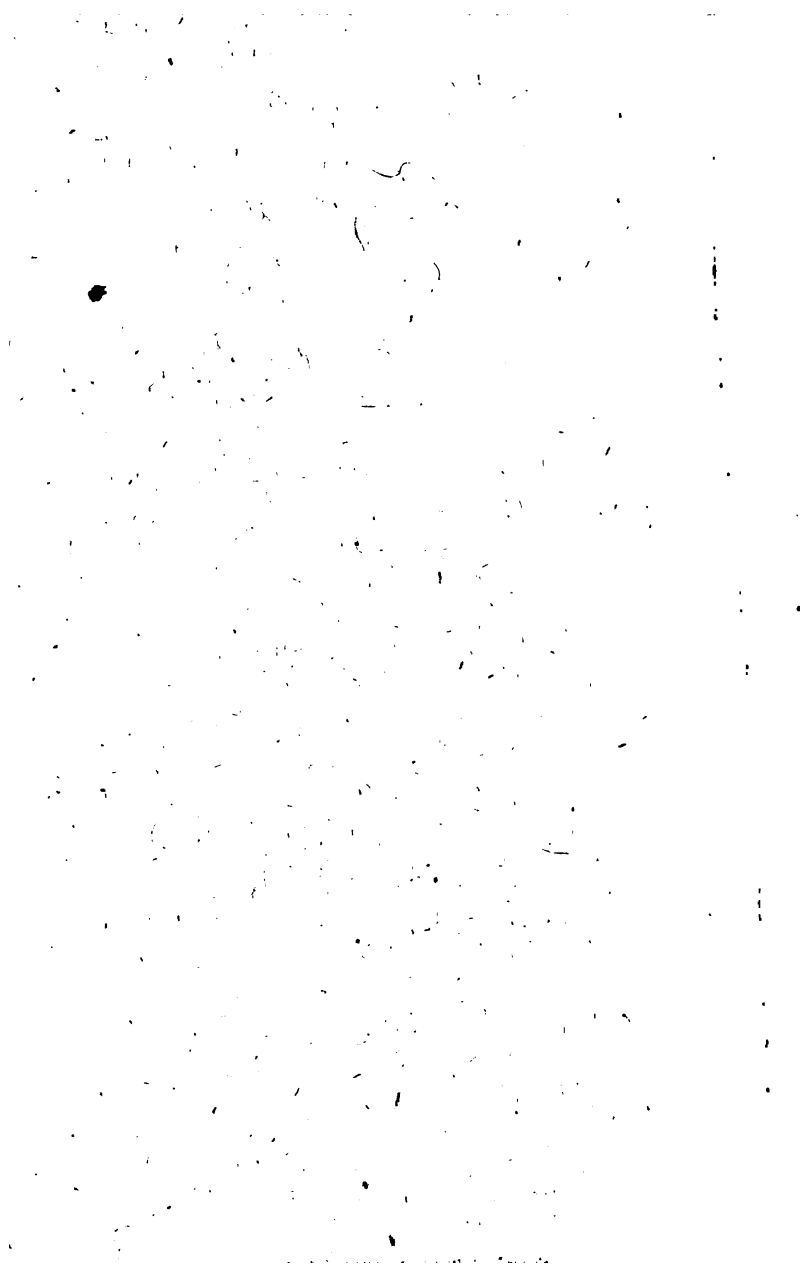
na-

naturaes deste Reyno não menos nas letras, que nas armas, como o testificão tantos, e tão grandes sogeitos, que destas escolas tem sahido, com cujos escritos não sómente se tem illustrado este Reyno, mas ainda toda Hespanha.

Entrou João de Barros no serviço d'El-Rey D. Manoel de tão poucos annos, que elle mesmo confessa que da idade do jogo de pião começára a servir no paço. Costumavam naquelle tempo os Reys de Portugal mandar doutrinar os moços Fidalgos, e os da Camera, de que se serviam, em toda a boa disciplina, e tinham para isso mestres no Paço que lhes ensinavam as linguas, sciencias Mathematicas, letras humanas, dançar, jogar as armas, e outros virtuosos exercicios; e os Mestres tinham certo dia no mez, em que ElRey sabia delles quem bem exercitava estas Artes, ou quem se havia remisso, e negligente nellas. E era tão grande a benignidade daquelles Principes, que se lembravam de louvar a huns, e reprehender aos outros, com o que muitos se accendiam nos desejos de aprender. Estes foram os claros estudos, em que João de Barros cultivou seu engenho, como elle refere a ElRey D. João III. E quanto elles se podem menos comparar na antiguidade, e fama das letras com as cé-

le-

lebres Universidades de Europa, tanto são de maior honra pera João de Barros, pois elle sómente foi bastante para honrar aquellas escolas, que o houveram de honrar a elle. Aqui aprendeo a lingua Latina, e Grega, e as sciencias Mathematicas, e letras humanas com grande perfeição. Entre os Poetas se deo mais á lição de Virgilio, e Lucano, e nos Historiadores á de Salustio, e Livio, dos quaes imitou bem o juizo, e estilo levantado, que vemos em suas obras, como elle o dá a entender no Prologo do seu Clarimundo. Com estas, e outras boas partes se aventajou tanto a seus condiscipulos, que por ellas o deo ElRey D. Manoel ao Principe D. João por seu moço da guarda-roupa, quando lhe assentou casa; e indo cada vez crescendo mais em João de Barros a noticia das letras, levado do amor da patria, determinou de occupar todo seu engenho em serviço della, escrevendo huma universal historia de Portugal. Porém como a grandeza desta obra era tamanha, que parecia temeridade commettella sem primeiro experimentar suas forças, compoz hum livro de historia fabulosa, a que deo titulo do Emperador Clarimundo, pera provar o estilo, como fazem os bons soldados, que antes da batalha se exercitam em pelejas, e escaramu-

ças

ças fingidas, para depois ſe acharem adeſtrados nas verdadeiras.

Era então João de Barros de pouco mais de vinte annos de idade, e como andava em ſerviço do Principe, que lhe occupava a mór parte do tempo, ſó nos eſpaços, que lhe reſtavam, publicamente, e como elle diz, na meſma guarda-roupa do Paço, ſem outro repouſo, nem mais recolhimento, onde o juizo quieto pudeſſe eſcolher as couſas que a fantaſia lhe repreſentava, em oito mezes compoz eſta hiſtoria, que pera tal idade, e occupação ſe póde ter por grande couſa. Ainda que o Principe D. João (a quem elle communicou ſeu intento) o favoreceo tanto, que elle meſmo lhe hia revendo, e emendando os quadernos que compunha; eſte favor lhe fez publicar logo o livro: e eſtando ElRey D. Manoel na Cidade de Evora, no anno de mil e quinhentos e vinte, lho apreſentou, dizendo-lhe que a intenção com que o fizera fora pera ſe empregar na hiſtoria de Portugal, e principalmente na conquiſta do Oriente, por ſer couſa mais ſua; ElRey lhe mandou ler alguns capitulos, e ſatisfazendo-ſe do eſtilo, lhe diſſe, que havia dias deſejava mandar pór em memoria as couſas da India, mas que nunca achára peſſoa de quem as fiaſſe: que ſe ſe elle atreveſſe a

ſa-

ſahir com eſta empreza, não ſeria ſeu trabalho ante elle perdido. Com eſta confiança, que ElRey delle moſtrou, começou logo João de Barros a aperceber-ſe pera eſta obra; e eſtando, como elle diz, pera abrir os alicerſes de tão grandioſo edificio, ſuccedeo a morte d'ElRey D. Manoel dahi a pouco mais de hum anno, que foi no de mil e quinhentos e vinte e hum em treze de Dezembro, com que ficou ſuſpenſa a empreza; porque entrando o Principe nas occupações da adminiſtração do Reyno ſobreſteve por alguns annos, com que ceſſou de todo a pratica da hiſtoria Oriental.

Deſpachou ElRey D. João III. neſte princípio de ſeu governo alguns criados, que o tinham ſervido ſendo Principe, entre elles foi dos primeiros João de Barros, que havia pouco que caſára em Leiria, e deolhe a capitanía da Mina, a qual naquelle tempo ainda que rendia mais aos Reys, não era de tanto proveito aos Capitães, como depois foi.

Partio João de Barros pera a Mina no anno de mil e quinhentos e vinte e dous, e deſta ſua viagem faz elle menção na Decada III. Liv. III. Cap. I. quando conta, como indo hum dia navegando com proſpero tempo, começou a eſtremecer ſubitamente o navio, e acudindo todos a ſaber a cau-

causa, víram fóra da agua hum grande bico de peixe, o qual prezo em hum anzol que o Piloto levava por poppa pera as albecoras, barafustando pera se soltar, fazia aquelle tremor na embarcação, o que vendo os marinheiros, com fisgas, e arpões trabalháram tanto até que o matáram, e aláram assima. Duvidam alguns se este peixe he o Remora, de que Plinio faz menção no Liv. XXXII. Cap. I. e no Liv. IX. Cap. XXV. e parece que não póde ser, porque o Remora celebrado de Plinio he muito pequeno, e por tanto admira mais poder deter huma embarcação á véla; mas estoutro he tão grande, que diz João de Barros, que vinte homens o não podiam arribar ao convés; e outro semelhante que encontrou a náo de D. João de Lima, de que o mesmo João de Barros neste lugar faz menção, era ainda maior, pelo que claramente se vê ser outra especie de peixe muito differente, á qual os nossos mariantes do Oceano chamam *Agulha*.

Vindo da Mina lhe deo ElRey em Maio de 1525. o officio de Thesoureiro da Casa da India, Mina, e Ceuta, o qual servio até Dezembro de 1528. e depois de dar conta, continuou em Lisboa, até que os rebates do mal da peste (que no anno de 1530. começáram naquella Cidade) obrigá-

gáram a cada hum bufcar os ares puros dos campos, e povoar as quintas. Com efta occafião fe foi João de Barros pera huma que tinha junto a Pombal chamada a da Ribeira de Alitem. Alli lhe mandou pedir Duarte de Rezende, parente feu, alguma obra fua, pelo bem que lhe parecêra o feu Clarimundo quando o víra em Ternate, donde havia pouco que tinha vindo de feitor. João de Barros por o comprazer acabou de compôr hum Dialogo moral, que antes tinha começado, ao qual deftes dous nomes Gregos *Rhopica*, *e Pneumaticos*, fez per appofição hum compofto de *Rhopica Pneuma*, a que em noffa lingua podemos chamar Mercadoria efpiritual. Nefte colloquio, que quafi todo he metaforico, introduz por peffoas o Entendimento, e a Vontade, que são as principaes partes da alma, as quaes deixando a razão fua fuperior, fe ajuntáram com o tempo, e fe fizeram mercadoras de efpirituaes mercadorias, que são os vicios, que eftas duas potencias acceitam, e compram quando defobedecem á razão, e por efte modo moftra as vias por onde muitos officios, e cargos da Républica são adminiftrados viciofamente, e as cautelas, e meios que pera ifto tem achado o tempo, na figura do qual reprefenta o appetite defenfreado, e folto

de

de toda a lei, pondo os argumentos que o incitam a buſcar os bens deleitaveis, e nos outros interlocutores lhe dá as devidas reſpoſtas, e moſtra os erros do tempo. Eſta obra imprimio depois em Lisboa em Maio de 1532. dedicada ao meſmo Duarte de Rezende, o qual por pagar a ſeu parente João de Barros eſte obſequio, lhe dirigio tambem depois hum tratado que compoz da navegação que Fernão de Magalhães, e ſeus companheiros fizeram ás Illras de Maluco, como quem tivera na mão todos os papeis, e roteiros daquella jornada, por então eſtar ſervindo de feitor da noſſa fortaleza de Ternate. Mas tornando á *Rhopica Pneuma*, ella foi naquelle tempo tida em tanta eſtima, que o eruditiſſimo Ludovico Vives ſe moveo por eſte reſpeito a dedicar a João de Barros outro tratado que fez da Oração mental no anno de 1535. intitulado: *Exercitationum animi in Deum*, como ſe vê deſtas palavras da Dedicatoria, que anda com eſta obra no ſegundo tomo das daquelle Author: *Chriſtophorus Mirandius meus declaravit nobilitatem tui generis, tum ingenium, eruditionem, & probitatem, quæ ego ex opuſculo quodam tuo, veſtrati lingua conſcripto facile perſpexi: non potui non complecti, & ſuſpicere dotes animi, exercitas inter negotia tam varia, & magna,*

gna, *&c.* Este Dialogo da *Rhopica Pneuma* correo até o anno de 1581. no qual sahio o Catalogo dos livros prohibidos neste Reyno de D. Jorge de Almeida Arcebispo de Lisboa, e Inquisidor mór, em que se vedou; não por conter condemnada doutrina, mas porque não tomassem delle alguns occasião pera usarem em seus officios das invenções viciosas que tinha achado o tempo, porque está tão enferma nos costumes a Natureza humana, que as mais das vezes convertem os homens em peçonha os mesmos meios que lhe dam pera seu remedio.

Passada aquella contagião, e outros trabalhos que naquelle tempo succedêram a este Reyno, de grandes inundações de agua, e tremores da terra, veio-se João de Barros a Lisboa, onde ElRey o proveo do cargo de Feitor da Casa da India, e Mina de propriedade; e segundo parece foi este provimento no anno de 1532. porque no de 1534. diz elle, que por razão do officio mandára certas embaixadas a alguns Principes de Guiné como se vê na primeira Decada Liv. III. Cap. XII. Estes cargos (que agora estam repartidos per o Provedor da Casa da India, e outros officiaes) eram naquelle tempo de grande cuidado, e importancia, assi pelo muito que então rendia o commercio de Asia, e Africa, como por

tu-

tudo pender da induſtria do meſmo Feitor que o adminiſtrava. E ſendo eſtes officios occaſião de grande accreſcentamento de fazenda aos que os tratáram, para João de Barros foram de muito pouco, porque ainda que lhe não faltava induſtria (como quem ſabia tanto dos coſtumes do tempo) ſempre a limitou dentro das baſilicas da conſciencia.

Mas poſto que eſta grande occupação lhe fazia, como elle diz, acurvar a vida com ſeu pezo, levando-lhe todos os dias com o deſpacho das Armadas, e commercios, e outros negocios baſtantes pera affogar, e cativar todo liberal engenho; todavia não deixou nunca a lição dos livros; porque como eſte exercicio era nelle natural, foi ſempre mais prompto em dar eſte fruto como proprio, que não o dos negocios como encommendado. E nem por iſſo ſe ha de entender, que faltou no cuidado que devia a ſeus cargos, antes foi nelles tão pontual, que todas as mercês que dos Reys deſte Reyno recebeo (depois de os acceitar) lhe foram feitas por reſpeito da ſatisfação com que os ſervio; por onde parece que não eſtudava menos em huma occupação que na outra, tendo tambem eſta adminiſtração pública por parte da boa Filoſofia, como o entendêram grandes Va-

rões,

rões, e de si o dizia Plinio II. quando se queixava a seu amigo Clemente, de outra occupação semelhante: *Distringor officio, ut maximo* (diz elle) *sic molestissimo, sedeo pro tribunali, subnoto libellos, conficio tabulas, scribo plurimas, sed illiteratissimas literas; soleo nonnunquam (nam id ipsum quando contingit) de his occupationibus apud Euphratem queri: ille me consolatur: affirmat etiam esse hanc Philosophiæ, & quidem pulcherrimam partem, agere negotium publicum, &c.* Para acudir a ambas estas obrigações partio o tempo, dando os dias aos negocios públicos, e as noites aos seus proprios, que eram os livros, como elle o diz em muitas partes de suas obras.

Neste tempo quiz ElRey D. João III. mandar povoar a Provincia de Santa Cruz, vulgarmente chamada Brasil, que Pedralvres Cabral levado da força dos ventos descubrio nas primeiras praias do Mundo novo, indo pera a India no anno de 1500. E pera se a povoação fazer com maior facilidade, e menor despeza da fazenda Real, repartio ElRey aquella Provincia em varias capitanías na fórma, que os Reys primeiros fizeram povoar as Ilhas achadas no mar Oceano; mas não foi igual o successo, porque sendo cada Ilha huma pequena porção

de

de terra, onde não havia habitadores que defendessem a entrada aos estrangeiros, foi facil cousa povoar cada Capitão a sua, ajudando-se principalmente da vizinhança do Reyno, e da prestança que humas ás outras se faziam por estarem perto, e quasi á vista. Porém no Brasil como cada capitanía era de sincoenta leguas de costa, e habitada de gentes guerreiras, tendo o soccorro de Portugal duas mil leguas distante, e cada capitanía tão fraca, que não podia soccorrer a vizinha, vieram as mais destas povoações, que intentáram os donatarios, a perecer de todo, e só quasi tiveram bom successo as que os Reys tomáram pera si; porque como as fazendas neste Reyno, pela estreiteza delle, sejam muito limitadas, não tiveram aquelles povoadores cabedal pera se valerem do novo soccorro, se padecêram qualquer infortunio, principalmente nos principios. João de Barros com tudo como era de nobre espirito, e desejoso de se empregar em cousas grandes, pedio a ElRey huma destas capitanías, e elle lha concedeo de juro, e herdade, com os privilegios, e doações das outras; mas alcançando bem as difficuldades da empreza, determinou dar parte della a Aires da Cunha, e a Fernão de Alvares de Andrada Thesoureiro mór do Reyno (pai de Fran-

ciſco de Andrada Chroniſta mór) pera com eſte cabedal maior poder reduzir a empreza a proſpero fim. Fez-ſe por parte deſta companhia a maior Armada, que pera aquellas partes até então tinha ido, porque ſe apreſtáram dez navios com novecentos homens, dos quaes eram mais de cento de cavallo; e com todo o neceſſario pera a jornada de mantimentos, munições, e artilheria, ſe fizeram á véla no anno de 1539. indo por Capitão o meſmo Aires da Cunha, que levava comſigo dous filhos de João de Barros.

Era a capitanía que lhe coube em ſorte a do Maranhão parte Septentrional do Braſil, e a mais ennobrecida delle em grandeza de rios, fertilidade de plantas, abundancia de animaes, e fama de riquiſſimas minas. Foi eſte rio deſcuberto por Vicente Annes Pinçon no anno de 1499. pela Coroa de Caſtella; mas por eſtar na demarcação da conquiſta deſte Reyno, deixáram depois os Caſtelhanos de o povoar. Chegado Aires da Cunha á barra do Maranhão, com á pouca pratica, que ainda os Pilotos tinham delle, deo em huns baixos que tem á entrada, por eſpraiar alli o mar muito, em que ſe perdeo com toda a Armada, ſahindo ſó alguma gente em terra em huma Ilha que eſtá na boca do rio, onde ſe conſerváram algum tempo, fazendo pazes com

os Gentios Tapuyas, que por aquellas praias habitavam, até que vendo que não podiam levar avante a povoação por falta da gente, e mais cousas necessarias, se tornáram pera o Reyno. Deste modo ficou desamparado aquelle porto, e conquista até o anno de 1614, em que ElRey D. Filippe II. de Portugal enviou Jeronymo d'Alboquerque Coelho de Pernambuco com huma Armada para fundar huma nova Colonia, o que elle fez com muito cuidado, e com igual esforço, desbaratou hum bom número de Francezes, que o assaltáram para o fazer deixar o sitio, querendo-se conservar sómente nelle per huma fortaleza que já tinham na Ilha, a qual pouco tempo depois lhe tomou tambem Alexandre de Moura, com que os nossos ficáram de todo senhores daquelle porto, e a nova Colonia vai cada dia em maior crescimento por os soccorros com que S. Magestade lhe tem mandado acudir. Donde se vê claramente, que semelhantes emprezas de conquistar, e povoar novas terras, não se podem reduzir a perfeito fim per homens particulares, especialmente neste Reyno, senão per Principes, e Républicas.

Este tão desgraciado successo deixou a João de Barros mui gastado de fazenda, perdendo tão grande cabedal como naquel-

le negocio tinha mettido, ſem nenhum fruto; mas foi tal ſeu animo, que compadecendo-ſe do infortunio de Aires da Cunha, e de outros, pagou ainda por elles o em que ficáram empenhados pera eſta empreza, como o teſtifica Antonio Galvão, dizendo: *Foi tambem a eſte rio Maranhão hum Fidalgo Portuguez, que ſe chamava Aires da Cunha, levou dez navios, novecentos Portuguezes, cento e trinta cavallos, fez grandes gaſtos, em que ſe perdêram os que armáram, e o que mais perdeo niſſo foi João de Barros Feitor da Caſa da India, que por ſer nobre, e de condição larga pagou por Aires da Cunha, e outros que lá falecêram, com piedade de mulheres, e filhos que lhes ficáram, &c.* Porém era tal ſeu animo, que parece que nenhum ſucceſſo proſpero, ou adverſo, o tirava da applicação de ſeus eſtudos, porque pouco depois deſte naufragio ſe offereceo de novo a ElRey D. João pera eſcrever as couſas da India; acceitou-lhe ElRey o offerecimento, porque tendo encommendado eſte cuidado a Lourenço de Caceres Meſtre do Infante D. Luiz, no anno de 1531 era já falecido ſem ter dado princípio a tão grande obra. Começou João de Barros logo eſta Hiſtoria, e com tudo antes de imprimir a primeira Decada a interrompeo, antepondo a

ſeu goſto a piedade chriſtã, e proveito público, em cujo beneficio ſahio com alguns opuſculos á luz, e tambem para em idade mais madura tornar a provar o eſtilo. Dos tratados que então publicou, entre outros foi hum a Grammatica Portugueza, á qual lhe deo occaſião a converſão dos Malavares, ou Paravás da coſta da Peſcaria, que ſuccedeo polos annos de 1538, donde vieram a eſte Reyno quatro dos principaes aprender a lingua Portugueza, para aſſi poderem ſer melhor enſinados na Fé, e preceitos da Igreja, os quaes Malavares mandou ElRey recolher na caſa de Santo Eloy de Lisboa com os Etyopes nobres de Congo, que ahi eſtudavam, pera aſſi todos ſerem melhor doutrinados. Eſta obra imprimio no anno de 1539, dividida em dous tratados, no primeiro enſina a ler, e pera com maior facilidade aprenderem os principiantes as letras, em ſima de cada huma dellas poz huma figura, cujo nome ſe começa pela tal letra a modo de Arte memorativa, ficando o A debaixo de huma arvore, e o B de huma béſta, e aſſi as mais, o que foi tão bem achado, e proveitoſo, que ainda hoje ſe conſerva; e porque a dedicou ao Principe D. Filippe, filho d'ElRey D. João III. que então começava a ler, e elle aprendeo por ella, ſendo ſeu Meſtre

Fr.

Fr. João Soares Bispo que depois foi de Coimbra; anda esta cartilha erradamente com titulo do Bispo, sendo verdadeiramente de João de Barros, o qual ajuntou tambem nella em certos circulos toda a diversidade de syllabas, que a natureza de nossa linguagem padece, e depois accrescentou os preceitos da Lei de Deos, os Mandamentos da Igreja, e hum tratado da Missa com algumas orações, para que por ella se ensinassem os meninos a ler. No outro tratado escreveo os preceitos da Grammatica Portugueza, e Orthografia, e foi o primeiro Author que reduzio nossa lingua a Arte, e com muita brevidade. Á Grammatica ajuntou hum Dialogo em louvor da lingua Portugueza, em que mostra a grande affinidade que tem com a Latina, e para prova disto traz huns versos Portuguezes, e Latinos, que foram os primeiros deste genero. Outro Dialogo imprimio, a que intitulou da *Viciosa Vergonha*, não sómente pera evitar que não lessem os meninos per feitos de Tabelliões, que ordinariamente são de roim letra, e sem nenhuma Orthografia, com que ficam escrevendo depois barbaramente, mas por lhes tirar a occasião de aprenderem por autos públicos de causas criminaes, e trapaças civis, de que ficam ensinados em vicios em lugar de boa doutrina, e assi pe-

ra

ra estes tenros sogeitos compoz este Dialogo da *Viciosa Vergonha*, em que lhe dá os avisos necessarios pera aquella idade. E era tanta a diligencia que fazia para estar bem inteirado das cousas que havia de tratar, que pedio ao Doutor Antonio Luiz, grande Medico, e Filosofo daquelle tempo, que lhe désse o que nesta materia da vergonha tocava á Filosofia natural, pera com toda a perfeição, e certeza poder tratar de seus naturaes principios, ainda que o tratado era moral. Porque os doutos quanto mais o são, tanto menos se satisfazem de si, entendendo o muito que ainda ha para saber, que he o que disse o outro Filosofo, que só huma cousa sabia, que era não saber nada a respeito do muito que via lhe faltava. Por onde só os Sabios duvidam, e tem por honra perguntar, e consultar suas causas com quem lhes póde dar acertado parecer, o que não alcançando os ignorantes, o julgam por cousa affrontosa, e assi ficam sempre no mesmo estado, sem procurarem de se melhorar. Fez o Doutor Antonio Luiz o que João de Barros lhe pedio, compondo hum tratado, que intitulou *de Pudore*, que lhe dedicou, e anda entre outras obras deste Author, que se imprimíram em Lisboa no anno de mil e quinhentos e trinta e nove. Porém João de Barros não se

apro-

aproveitou deſte tratado, porque he muito differente do da *Viacioſa Vergonha*, e Antonio Luiz pertendeo ſó nelle trazer todos os lugares que achou nos Authores que tocaſſem á vergonha, como ſe vê deſtas palavras de ſua Dedicatoria: *Prius itaque aliqua, quæ Philoſophi de pudore cenſerunt, apponemus, deinde vero ejus parentes, ſi quos invenire poterimus reddemus, ultimo exempla, &c.* Tambem nas obras de Plutarco anda hum diſcurſo, que elle intitulou: *De immodica verecundia*, no qual, ainda que em parte leva o intento de João de Barros, ſegue outro caminho, como o póde ver quem ler ambas as obras.

Eſta occupação (que em tal idade terão muitos por deſigual á reputação de João de Barros) lhe fez tomar o zelo da honra de Deos, e o deſejo de aproveitar a todos, ſentindo-ſe por devedor não ſómente aos doutos, mas aos barbaros, e aſſi aos grandes, como aos pequenos, e eſta julgou elle pela maior honra que lhe podia vir, como o confeſſa neſtas palavras no Dialogo da lingua Portugueza: *Certo he que não ha gloria que ſe poſſa comparar, quando os meninos Etyopes, Perſianos, e Indios daquém, e dalém do Ganges em ſuas proprias terras, na força de ſeus templos, e pagodes, onde nunca ſe ouvio o nome Ro-*

ma-

mano, por esta nossa Arte aprenderem a nossa linguagem, com que possão ser ensinados em os preceitos da nossa Fé, que nella vam escritos, &c.

Outro semelhante zelo o fez intentar outra obra de não menor engenho, e foi, que vendo como os homens occupavam o mais do tempo jogando, inventou hum jogo de tabolas, a que reduzio as Eticas de Aristoteles, introduzindo nelle as virtudes, e vicios, por excesso, e por defeito, o qual jogo imprimio no anno de 1540, e o dedicou á Infanta D. Maria, Princeza que depois foi de Castella, a qual o jogava com ElRey D. João seu pai destramente, segundo elle affirma em varias partes; e teve intenção de pôr a Economica tambem em jogo de cartas, e a politica no enxadrez, por estes tres jogos serem os mais communs, e pera nelles ao menos aprenderem os homens o nome das virtudes, e como se devem de haver no uso dellas, já que não ha modo pera deixar de jogar; mas vendo os poucos que se affeiçoáram ao primeiro, deixou de sahir á luz com os outros.

Estas, e outras obras compoz João de Barros, pela maior parte em Dialogo, seguindo o estilo de Platão, que neste genero de escritura nos deixou toda sua doutrina,

na, e na verdade os Dialogos tem pera isto muita conveniencia, porque como nestas materias se tocam opiniões diversas, he necessario haver perguntas, e respostas pera melhor se satisfazer ás dúvidas; donde louva muito Guarino Veronense a Platão por illustrar este estilo, dizendo: *Omnia vero quæ gravius, accuratiusque disputanda fuerunt, in Dialogorum forma conscripta fuisse, & recte sane; ea enim, quæ hujusmodi colloquendi ratione tractantur, introductis pro dignitate personis, apertius disputantur, & vehementius imprimuntur, &c.* Pela mesma razão usou tambem Tullio delles, como o diz no primeiro das suas Tusculanas: *Quo commodius disputationes nostræ explicentur, quasi agatur res, non quasi narretur.* Nestes Dialogos se introduz ordinariamente fallando com seu filho Antonio de Barros, ainda que tinha outro filho mais velho, o que parece fez ou por o bom sogeito que neste achava, ou por aquella sua idade ser então mais propria de aprender, e por isso lhe dedicou alguns tratados moraes, como tambem fizeram outros grandes Filosofos a seus filhos, particularmente Aristoteles, de quem lemos as Eticas, que compoz ao seu Nicomaco; e Tulio o livro dos Officios a seu filho Marco, com que os deixáram mais lembrados

nas

nas memorias dos homens do que o puderam fazer com rendosas, e magnificas heranças.

Deo o Papá Paulo III. o Capello de Cardeal ao Infante D. Henrique Arcebispo de Evora na undecima creação que fez de Cardeaes em 16 de Dezembro de 1545. Mandou logo o Infante no anno seguinte de 1546 dar as graças desta dignidade ao Summo Pontifice por Gaspar Barreiros Conego de Evora, discipulo, e sobrinho de João de Barros, filho de Maria de Barros sua irmã, e de Ruy Barreiros. Concorriam em Gaspar Barreiros muitas letras, e engenho; e porque não fizesse o caminho infructuosamente, lhe encommendou (segundo o mesmo Gaspar Barreiros refere ao Cardeal na Dedicatoria da sua Corografia) que escrevesse particularmente todos os lugares por onde passasse, com tudo o que ácerca de suas fundações, nomes antigos, e mudança delles pudesse saber, por quanto esperava de se aproveitar desta informação na sua Geografia, que havia annos tinha começada. Fez Gaspar Barreiros esta diligencia com tanta perfeição, que se póde dizer por elle o que outros affirmáram de Cesar, que querendo dar materia aos Escritores nos seus Commentarios, lha tirára, porque da Corografia destes lugares desde Badajós

até

até Milão compoz hum volume tão erudito, que he tido de todos univerſalmente em grande eſtima, e aſſi podemos agradecer a João de Barros o poſſuirmos hoje eſta excellente obra, com a qual tomou occaſião Lopo de Barros, Conego tambem de Evora, pera imprimir outros Opuſculos de ſeu irmão Gaſpar Barreiros, que todos andam no meſmo volume da Corografia impreſſos em Coimbra no anno de 1561; como foram os Commentarios de *Ophira regione*, e as cenſuras ſobre os fragmentos ſuppoſiticios, que hoje correm com nome de Beroſo Caldeo, Maneton Egypcio, e Marco Portio Catão *de Originibus*, as quaes cenſuras por ſua muita erudição andam traduzidas em Latim na Bibliotheca Hiſpana por André Scotto. Neſtas, e outras obras mereceo bem Gaſpar Barreiros o nome de ſobrinho, e diſcipulo de João de Barros, ainda que na ultima recebeo o maior louvor de todos, que foi deixar tudo por amor de Deos, e entrar na Religião de S. Franciſco, onde morreo com grande opinião de virtude.

O deſejo que João de Barros tinha de aproveitar a todos, fez, que pedindo-lhe no anno de 1549 João Riccio de Monte Policiano Arcebiſpo de Syponto (que naquelle tempo eſtava em Liſboa por Nuncio do Pa-

pa

pa Paulo III.) algumas informações das partes da India , lhas désse liberalmente, para mandar ao Cardeal Farnés que lhas pedia á instancia de Paulo Jovio célebre Escritor daquelle tempo, e com ellas lhe deo mais dous livros , hum de escritura dos Chins , e outro dos Persas; não se havendo nesta materia com a escaceza que alguns costumam , procurando esconder o thesouro de semelhantes obras pera elles sós com avarento animo as lograrem. Porém pagou-lhe mal este beneficio Paulo Jovio, porque escrevendo larguissimamente as cousas da Persia, e do Oriente, e allegando pera isso as informações Portuguezas, nunca nomea a João de Barros, no que se houve assás differente de Plinio , que no princípio de sua Natural Historia foi o primeiro que poz o Catalogo dos Authores donde a colligíra, accrescentando aquella tão louvavel sentença, que o fazia, porque era de animo nobre publicar os nomes daquelles , por quem nos melhorámos : *Ingenui est enim animi fateri per quos profeceris*. Porém com isto ser assi , ainda hoje tem mais imitadores o silencio de Jovio , que o agradecimento de Plinio.

No anno de 1552 imprimio João de Barros a sua primeira Decada da Asia , e foi tão bem recebida de todos geralmente, que

que ainda que havia Chroniſta no Reyno, ElRey D. João lhe encommendou logo a Chronica de ElRey D. Manoel ſeu pai, entendendo da perfeição, e gravidade de eſtilo, com que eſcrevêra eſta Decada, que ninguem poderia compôr aquella Chronica com a devida eloquencia aos feitos que ſe nella tratavam como João de Barros, o qual acceitou a empreza, parecendo-lhe que para tal occupação lhe déſſem o repouſo neceſſario; mas como eſtes ſerviços muitas vezes pezem pouco diante dos Reys, não alcançou João de Barros a commodidade que eſperava, e aſſi não ſe pode empregar de novo na compoſição deſta Chronica, além da hiſtoria da Aſia, que já tinha entre mãos, cuja ſegunda Decada imprimio no anno ſeguinte de 1553. Por onde vindo a falecer ElRey D. João no de 1557, foi entregue Damião de Goes do cuidado da Chronica d'ElRey D. Manoel por ordem do Cardeal Infante D. Henrique, que então governava; e ainda que o meſmo Damião de Goes affirme no Cap. XXXVII. da IV. Parte da meſma Chronica, que nella não trabalhou João de Barros couſa alguma, com tudo não poderá negar, que nas Decadas da ſua Aſia, que já naquelle tempo tinha impreſſas, achou larga, e ordenadamente eſcrita toda a hiſtoria da India, que a ElRey Dom

Ma-

Manoel pertencia, de maneira, que aos efcritos do mefmo João de Barros podemos attribuir grande parte da fua Chronica. No mefmo anno de 1553, em que imprimio a fegunda Decada, tornou a imprimir fegunda vez o feu Clarimundo, o qual depois no de 1601 fe tornou a eftampar terceira vez: e fendo efte livro fabulofo, e o primeiro parto de fua idade juvenil, teve melhor fortuna nas impreſsões, que as outras obras, e Decadas do mefmo Author; donde fe vê como o gofto do vulgo não fe governa por razão, mas por appetite, e que o bom de ordinario contenta aos menos.

A terceira Decada imprimio no anno de 1563, e com efta tirou á luz tres Decadas da Afia, obra tão perfeita, e louvada de todos, que fe tem por huma das melhores, que naquelle genero de efcritura fe compuzeram. He a Hiftoria (fegundo de Tullio em outra parte temos moftrado) o fogeito mais capaz da Oratoria que nenhum outro, porque nella fe ufa do genero Demonftrativo, contando varios feitos, condemnando os vicios, e louvando as virtudes; e do Deliberativo, introduzindo orações, confelhos, e difcurfos, e muitas vezes do Judicial, o qual raramente fe aparta do Deliberativo. Em todos eftes generos he efta hiftoria de João de Barros admiravel; porque

que além do ſogeito que trata ſer nobiliſſimo pela variedade, grandeza, e novidade dos caſos admiraveis, guardou com ſumma inteireza todas as leis da Hiſtoria, aſſi as eſſenciaes, que ſe nella requerem, que são verdade, clareza, e juizo, como as outras partes a que chamam integrantes.

Conſta a verdade da Hiſtoria aſſi da certa noticia, que o hiſtoriador tem do que ha de dizer, como do verdadeiro animo do meſmo hiſtoriador em não calar o bem, ou mal, que fizeram aquelles, de quem trata. Pera eſcrever com noticia verdadeira teve João de Barros as mais certas relações, que pera tal materia ſe podiam alcançar; porque havendo de tratar de tres couſas, que eram, os feitos dos Portuguezes, a noticia dos Reys, e nações do Oriente, e a verdadeira ſituação Geografica daquellas Provincias: Para o que tocava á Hiſtoria Portugueza lhe foram entregues todos os papeis, aſſi dos regimentos Reaes, como das relações, e cartas dos Viſo-Reys, devaſſas, e diligencias, e mais couſas, que áquella materia pertenciam, como ſe vê na Decada I. Liv. III. Cap. XIII. quando trata das couſas de Guiné, e na Decada II. Liv. VIII. Cap. I. e na Decada IV. Liv. X. Cap. XXI. onde diz, que ſó de papeis do Governador Nuno da Cunha lhe foram entregues duas ar-

arcas. Para a noticia dos Reys do Oriente, e ſeus póvos não ſe contentou com menor diligencia que mandar buſcar as Chronicas daquelles meſmos Reynos, eſcritas em ſuas proprias linguas, como conſta da I. Decada Liv. VIII. Cap. VI. em que refere a Genealogia dos Reys de Quiloa tirada da ſua meſma Chronica, e no Liv. IX. Cap. III. diz, que conta as couſas dos Malavares tiradas de hum livro de ſua Religião, e hiſtoria. Houve outra Chronica dos Reys de Ormuz, e outras dos Reys de Guzarate, Biſnagá, e Decão; e pera dar noticia dos Arabes, e Perſas mandou vir o ſeu Tarigh, que he hum ſummario de todos os Reys, que foram da Perſia até que os Arabios com ſua ſeita a ſubjugáram, e dos feitos que os ſeus Califas fizeram na conquiſta das partes do Oriente, os quaes livros lhe foram interpretados, como elle refere, allegando-os em muitas partes, couſa o que naquelle tempo era facil, por terem os Reys deſte Reyno muitos homens aſſalariados praticos nas principaes linguas do Oriente pera lhe ſervirem deſte miſter. Pelo que com pouca razão affirma Pero Teixeira nas ſuas relações da Perſia (tiradas da hiſtoria do Tarigh) que o noſſo João de Barros por falta de interprete nos não deo mais noticia delle, que do nome, ſendo aſſi que das

coufas da Perfia trata larguiffimamente, allegando efte livro de que os tirou; e de fua interpretação faz particular menção na fegunda Decada Liv. II. Cap. II. e no Liv. IV. onde accrefcenta que até da vida do grão Tamorlão, que tambem alcançou efcrita naquella lingua, tinha feito traduzir a maior parte. Pelo que parece que não faltaria na traducção do Tarigh que tanto lhe importava; que fazia occupar o interprete em outra obra, que quafi lhe era defneceffaria.

Para a graduação das Provincias fe valeo dos noffos mefmos Pilotos Portuguezes, que navegando todos aquelles mares com o Aftrolabio, e fonda na mão, fizeram reprovar as mais das opiniões dos Gregos, e Romanos, que falláram das coufas do Oriente com muito pouca noticia; cheias eftam as Decadas deftas emendas, e correcções feitas a Ptolomeu, Arriano, e aos mais Geografos antigos, que da India tratáram. E pera poder defcrever as Provincias mediterraneas, mandou vir os livros que de fua Geografia fe puderam haver, como foi hum da Geografia da China, com todas fuas Regiões em taboas, e pera o interpretar comprou hum Chim douto em fuas letras, que lhe fervio defte officio; e na Decada II. Liv. V. Cap. I. allega outro livro da Geografia da Perfia: Pelo que com razão lhe deram

mui-

muitos Authores tão grande lugar entre os famosos Cosmografos do Mundo.

Pois o animo verdadeiro, com que tratou dos homens, vemos bem claro nestas Decadas, onde com summa liberdade reprova os vicios, e louva as virtudes que alguns Capitães tiveram, dando a cada hum o seu, e assi o protesta elle na primeira Decada Liv. III. Cap. XII. dizendo: *Pois a Deos aprove, que não por officio, mas por inclinação, não por premio, mas de graça, e mais offerecido que convidado, tomasse o cuidado de escrever as cousas que passáram neste descubrimento, e conquista do Oriente, não permittirá que eu perca algum premio, se o deste trabalho posso ter, trocando, ou negando os meritos de cada hum, &c.* E se alguem lhe notar que deixou de escrever algumas particularidades que houve por vezes entre os nossos mesmos Capitães, a isso responde elle, que nestas suas Decadas mais trabalhou por referir o essencial da historia, que não em ampliar miudezas, descubrindo vicios alheios, de que muitos não sabiam parte, com que sem beneficio público se infamam as almas dos defuntos, não servindo taes exemplos senão de accrescentar odios entre seus descendentes, e de ser mais licença de vicios, que abstinencia delles, o que em toda

a boa hiſtoria ſe deve com muito cuidado evitar.

A clareza da narrativa he aſsás evidente, por fallar com palavras muito proprias, e naturaes, e com tudo ſe vê nelle tanta mageſtade, que cauſa admiração poder ajuntar com tanta gravidade, tanta clareza; porque nas deſcripções he tão facil, que muitas vezes parece mais poeta, que hiſtorico, poſto que neſta parte a hiſtoria, e poeſia ſejam muito conformes. Vejam-ſe neſta materia as deſcripções das tormentas, das batalhas, das baterias, as viſtas, e embaixadas, onde além de deſcrever tudo como ſe viſſe diante dos olhos, move notavelmente os affectos de admiração, e alegria, e as deſcripções das Provincias, Ilhas, Cidades, e portos declara com taes palavras, que eſcuſou pôr taboas Geograficas, porque comparando cada couſa deſtas a algum ſinal conhecido (ſegundo as regras da Arte Memorativa) faz comprehender dos leitores a figura, ou couſa, de que trata, com ſumma diſtinção.

O juizo conſta não ſó em obſervar as leis integrantes da Hiſtoria, mas na boa ordem, e diſpoſição della, e no julgar o que ſe errou, ou acertou nas acções públicas, e particulares de que trata. As leis da Hiſtoria integrantes ſeguio, propondo no prin-

cípio a materia que tratava, introduzindo hum excellente exordio da origem das guerras entre os Mouros, e Portuguezes; no que tem faltado muitos modernos, que começam ſuas hiſtorias como ſe eſcrevêram huma carta, não ſe pejando de profeſſarem compôr em huma Arte, ſem aprenderem primeiro os preceitos, e regras della.

A ordem da hiſtoria foi convenientiſſima, ſeguindo os annos, e os governos, e dividindo-a por Decadas, divisão tão bem achada, que a ella ſe tinham já reduzido os livros de Tito Livio, e depois ſeguíram nella a João de Barros os que eſcrevêram as hiſtorias das Indias Orientaes, e Occidentaes, como o vemos em Diogo de Couto, e Antonio de Herrera. As digreſsões são poucas, e eſſas neceſſarias, e tão cheias de exemplos, e caſos raros, que de muitos delles ſe aproveitou João Botero nos ſeus Apothemas. As mais perfeições deſta Hiſtoria póde julgar quem a ler, e verá nella muitos diſcurſos, conſelhos, e caſos diverſos, que ſempre reſolve, e refere o Author com acertado parecer; e aſſi aqui ſe acham as ſentenças, os prognoſticos, e excellentes elogios, onde como diz Tullio ſe vê: *Hominum ipſorum tum geſta; tum mores, & ingenium.* E deſta parte judicial tirou D. Fernando Alvia de Caſtro huns Aforiſ-

rismos politicos com tanta erudição, e exemplos, que se podem comparar aos melhores de Tacito, e fazem muita ventagem a outros que neste genero de escritura se compuzeram. Finalmente pelas excellencias desta obra he tido João de Barros universalmente por hum dos mais insignes Historiadores do Mundo, e celebrado de muitos, e graves Authores com titulos honorificos, dos quaes Fr. Vicente Justiniano, e o Padre Mafeo lhe chamam *Grave Escritor*. João de Pineda, *Preclaro*, o Author das viagens do Mundo, *Diligentissimo*, Fr. Simão Coelho, *Muito douto*, *e elegante*. Pero de Magalhães, Pero de Maris, Diogo de Couto, e o Chronista mór João Baptista Lavanha, *Escritor famoso*. Porém outros não contentes só com estes illustres epitetos se alargáram a maiores encomios, como se vê nestas palavras do P. Antonio Possevino, que na sua Bibliotheca selecta, tratando dos Historiadores, diz delle: *Joannes de Barros Lusitanus in Asia ab se descripta; qui egregium se scriptorem hac nostra ætate præstitit*, *&c.* O P. Fr. Antonio de S. Romão lhe chama Livio Portuguez, dizendo: *Iuan de Barros unico Tito Livio de aquellos Reynos, cuias Decadas aun que se traduxeron en Italiano, se han consumido de manera, que no se allan anu entre sus mismos natu-*

turales, deviendo perpetuar-se cosa tan memorable en tablas de bronze, &c. E Dom Fernando Alvia de Castro o compara a Homero, a quem os antigos tiveram por pai da historia, dizendo: *Iuan de Barros excellente historiador Portuguez lo escrive con tanta perfecion, que si el mismo Alexandro le alcançára, no imbidiara a Achiles por Homero, &c.* E Affonso de Ulhoa na Dedicatoria da traducção Italiana ao Duque de Mantua affirma ser esta historia huma das melhores que se compuzeram no Mundo: *E una delle rare, e pretiose cose, che in questo soggetto fin hoggidì sieno state vedute, &c.*

Esta estimação dos doutos approvâram tambem os Principes do Mundo, porque em Veneza se mandou pôr sua imagem entre os varões famosos: e o Papa Pio IV. a fez collocar nos passos do Vaticano junto com a de Ptolomeo; e ElRey D. Filippe II. de Portugal só por conservar a memoria de tal Historiador, e por participar o Mundo de suas obras, mandou imprimir á custa de sua Real fazenda a quarta Decada da Asia, que João de Barros tinha deixado ainda imperfeita, sem embargo de estarem já aquellas mesmas historias escritas neste Reyno, e impressas por Fernão de Castanheda, Diogo de Couto, e Francisco de Andrada. A es-

tes

tes dous testemunhos dos Principes, e doutos podemos accrescentar a commum opinião de toda Europa, onde foram tão buscadas estas Decadas, que chega a affirmar Diogo de Couto, que na India não ha mais de humas, e em Portugal poucas mais de dez, tanto se leváram pelos estrangeiros, e com tão excessivos preços, que quasi não he crivel o que nisto passa; e fazendo-se huma traducção dellas em lingua Italiana por Affonso de Ulhoa, se gastáram de maneira, que nem em Italiano, nem em Portuguez se acham de venda em parte alguma, como já o vimos na authoridade referida do P. Fr. Antonio de S. Romão, e o affirma D. Fernando Alvia de Castro elegantemente nestas palavras: *Viendo que cara a cara no podia calumniar sus Decadas, por haver guardado con igualdad, y primor las tres partes necessarias a una buena historia, verdad, claridad, y discurso, como rabiosa, traidora, y de mala casta, parece dispuso pera dissimulacion de su gloria, se ayan acabado tanta, que ay mui pocas, y quasi ninguna de venta, aun a mucho precio, que qualquiera mereciera, mejor que el gran que se dio por el pinzel de Apelles, cujas figuras, aun que de suma perfeccion; eran al fin muertas, y Barros con su pluma dexa vivos en la fama, y celebrados*

dos perpetuamente los gallardos Portuguezes que morieron vitoriosos de varios, admirables, y felices sucessos, &c. De maneira, que quem alcança hoje hum livro destes, o tem em preço de huma joia de grão valor.

Porém quanto mais são estimadas as obras com que sahio á luz, tanto maior pena nos podem causar as que deixou começadas, e intentadas, que sem dúvida seriam de grande ornamento para este Reyno; mas pois não podemos lograr a excellencia destes volumes, apontarei aqui, ao menos, a traça, e disposição delles, para ainda assi serem de proveito (como já foram) aos curiosos. Que se são tidos dos Arquitectos em muito preço os livros de pinturas, e desenhos de edificios imaginados, com quanta mais razão se devem estimar os pensamentos de João de Barros que tratam de outras fabricas, tanto mais nobres, quanto as obras manuaes cedem ás do entendimento?

Da Historia deste Reyno, além da sua Asia, prometteo compôr João de Barros tres partes, intituladas: *Europa*, *Africa*, e *Santa Cruz*: na Europa determinava tratar da Milicia dos Portuguezes, começando do tempo que os Romanos conquistáram Hespanha, na qual guerra os Lusitanos alcançáram ácerca delles grande nome por feitos illus-

illustres, e dahi decorrendo por os tempos até o Conde D. Henrique, e seu filho Dom Affonso, e seus successores. Desta promessa se desobrigou no Prologo da quarta Decada pola contradição que achou em alguns émulos, dizendo que o mesmo direito o favorecia para não cumprir o promettido, pois lhe não fora acceitado. Ao que tambem se ajuntou o pouco descanço, e tempo que teve pera se occupar em tão grande escritura; porém com este seu intento deo motivo a que esta historia se compuzesse depois pelo P. Fr. Bernardo de Brito nas duas partes da Monarquia Lusitana, que principalmente contém as guerras dos Romanos em Lusitania com o mais que nella succedeo até a ultima doação, que se fez de Portugal ao Conde D. Henrique, como elle o dá a entender na Dedicatoria da sua I. Part. e assi mesmo foi tambem occasião pera o Licenciado Duarte Nunes de Lião por mandado d'ElRey D. Filippe I. reformar algumas cousas que andavam escritas nas Chronicas de Portugal, como o mesmo Author confessa na censura da Chronica d'ElRey D. Affonso Henriques, seguindo a opinião que João de Barros teve em favor da fama deste valorosissimo Principe, e da Raynha D. Tareja sua mãi, onde diz, que se João de Barros escrevêra os livros de sua Europa, fora es-

escusada nesta materia toda a outra diligencia, e trabalho. A mesma occasião deo João de Barros a Damião de Goes pera escrever na Chronica do Principe D. João hum largo discurso em favor da honestidade da Raynha D. Joanna de Castella mulher d'ElRey D. Henrique IV. como se vê do Prologo da III. Decada contra Antonio de Nebrixa, cuja mal fundada opinião condemnou depois Damião de Goes com taes palavras, que o Condestable de Castella João de Valasco exclama, invocando-o a elle contra o João de Mariana, por fallar com a inurbanidade de Grammatico nas pessoas dos Principes indecentemente, e contra o decóro da perfeita historia.

A outra parte da milicia de Portugal, que João de Barros juntamente prometteo, chamava Africa, cujo principio começava na tomada de Ceita. Este livro ainda que o allega muitas vezes nas suas Decadas, não o compoz, e deixou de o fazer pelas mesmas razões que dissemos da Europa; porém, se bem considerarmos, não he pouco benemerito aos trabalhos que os Portuguezes passáram no descubrimento desta parte do Mundo, pois os primeiros tres livros da sua primeira Decada não tratam de outra cousa; além do que depois escreve no processo da mesma historia tocante a Africa, como são

os

os ſucceſſos de Quiloa, Mombaça, Sofala, e Ethiopia ſobre o Egypto, a que vulgarmente chamamos Reyno do Preſte João.

A ultima parte da milicia Portugueza intitulou *Santa Cruz*, (que he a Provincia que agora dizemos Braſil,) e lhe dava principio no deſcubrimento de Pedralvares Cabral, deſta ſenão acha nada eſcrito, que não he pequena falta para eſte Reyno, porque tendo hoje eſta Provincia creſcido notavelmente em riqueza, e policia, com muitas povoações populoſas, e nobres, eſtá quaſi totalmente falta de hiſtoria, defendendo nella os Portuguezes aquelles portos, e coſtas maritimas contra poderoſos piratas, que juntos com os barbaros Gentios, obrigáram os noſſos a militar mais, que a cultivar a terra por muitos annos; eſtando naquelle tempo os portos abertos, ſem fortalezas, ou caſtellos que prohibiſſem eſtas entradas, em que houve caſos mui dignos de memoria, e ſendo as couſas naturaes da terra mui notaveis, e eſtranhas a nós, por quão maravilhoſa ſe moſtrou nellas a Natureza, he mais pera ſentir a falta que neſta parte nos faz a hiſtoria de João de Barros.

Em materias moraes, além das obras que imprimio, e de que já fallámos, faz elle menção do Tratado de Cauſas, ou Problemas Moraes, e o allega no Dialogo da *Vi-*

cio-

ciosa Vergonha fallando com seu filho Antonio de Barros, pera quem o compunha, pelo decurso dos tempos, onde lhe diz estas palavras: *As causas do teu tratado não são naturaes, mas moraes, ou por fallar verdade, são de homens temporaes, que em humas mesmas obras deram diversos frutos por differentes causas, donde nasceo o titulo ao teu tratado.* Esta obra me affirmáram algumas pessoas graves que víram de todo acabada, e que o original estava em Viseu em poder de hum sobrinho do mesmo Author.

No Prologo da quarta Decada allega tambem outro Tratado, que intitula das *Abusões do tempo*, e diz que lhe dá este titulo, por ser em defensão de suas occupações, a que os amigos, e parentes davam nome de *Abusões*, e diz que nelle particularmente escreve das *Abusões*, de que o taixavam, e das que vio usar ao mesmo tempo, e que nelle se verá a razão por que imitou antes a doutrina de Tales, que a mercancia do seu azeite. Este Tratado compoz em trovas pequenas de oito syllabas, a que chamam *Redondilhas*, e o dedicou a João Rodrigues de Sá de Menezes, com quem tinha particular amizade, o titulo delle he *Exclamação contra os vicios*, são mais de 460. coplas, e a primeira começa:

Em

Em aquella eternamente
Alta luz inaccessivel, &c.

Repartio-o em tres partes, a que reduzio todos os actos da Filosofia, e parece o escreveo no anno de 1561, segundo de tudo me advertio o Licenciado Francisco Galvão de Mendanha que o leo; e me communicou esta, e outras muitas particularidades de suas obras.

Das obras Mathematicas deixou imperfeita a sua Geografia universal, a qual hia compondo em lingua Latina de todo o descuberto, assi em graduação de taboas, como em commentarios sobre ellas, applicando o moderno ao antigo, como o declara no primeiro capitulo de sua primeira Decada; e no Liv. IV. da mesma Cap. II. diz, que nos primeiros livros da sua Geografia escreve do Astrolabio, e adiante no capitulo sexto allega o capitulo dos instrumentos da navegação, por onde parece que primeiro dava os preceitos da Arte, e depois descrevia as Provincias; os commentarios tambem deviam ser muito eruditos, pois tratavam das fundações das Cidades, da Religião, e costumes das gentes, e outras cousas raras, como se vê de muitos lugares das suas Decadas, em que deixa semelhantes noticias pera á sua Geografia. Esta obra pare-

ce

ce dividia em quatro partes, ſegundo ſe colſige da ſegunda Decada Liv. VIII. Cap. II. em que diz, que faz huma quarta parte da ſua Geografia, em que trata particularmente de todas as Ilhas do Mundo; o qual conceito ſeguio depois João Botero, como ſe vê nas ſuas Relações univerſaes. Não ficou eſta Geografia de todo acabada; ainda que fez grande parte della; e quando ultimamente deixou o intento de compôr a Europa, e Africa, foi pera ſe dedicar todo a eſta empreza, ſegundo parece do Prologo da quarta Decada. Porém como depois de ſeu falecimento corrêram ſeus papeis per tantas mãos, he pouco o que chegou a poder de João Baptiſta Lavanha Chroniſta mór deſte Reyno, a quem ElRey D. Filippe II. de Portugal os mandou entregar. Mas ainda que não compoz a Geografia inteiramente, aſſás deixou eſcrito nas ſuas Decadas das Religiões de Africa, e Aſia, de maneira, que he hoje a melhor couſa que ha neſta materia, e aſſi as deſcripções Geograficas da ſua primeira Decada, como couſa rara, andam traduzidas em Italiano no fim do primeiro volume das viagens do Mundo. Tambem na ſua quarta Decada ſahíram algumas taboas daquellas Provincias da Aſia com largas relações della, no que puzeram os noſſos maior cuidado, por ſer materia de intel-

telligencia, que em pintar figuras de homens, e mulheres, como fizeram os Hollandezes enchendo grandes volumes destas impertinentes pinturas; e na materia da Geografia, que era o essencial, não deram noticia alguma de novo que fosse de consideração; como que importava mais pera o bem do Mundo ver pintados os furtos que se fizeram em Goa, que a Geografia da mesma Provincia. Mas como não haja conselheiro mais cego que o odio, este fez escurecer huma obra tão insigne, como são os livros das suas navegações Orientaes, com estas, e outras semelhantes relações, e pinturas; pois sendo tão geral em todas as Republicas succederem casos facinorosos, e algumas emprezas menos prosperas, a paixão, e inimizade que contra nós tem, lhe cegou o entendimento de maneira, que estes acontecimentos particulares nos imputam por crimes de toda a Nação, mal lembrados daquelle excellente dito de Menon Capitão de Dario, o qual ouvindo a hum seu soldado praguejar de Alexandre, lhe respondeo: *Cala-te, que te não dou soldo pera dizeres mal de Alexandre, senão pera pelejares contra elle.*

Outra obra tinha tambem intentado João de Barros, que intitulava: *Sphera da instructura das cousas*, o qual livro allega na

Par-

Parte da Mecanica, que diz ser toda de Arquitectura, como se vê na Decada II. Liv. I. Cap. III. que tambem não sahio a luz.

Além da historia Militar da Asia prometteo João de Barros, pelo que tocava ao Commercio, escrever hum livro de todas as cousas naturaes, e artificiaes, que da India se traziam a estas partes, declarando a qualidade, e natureza de cada huma dellas, com os pezos, medidas, e preços communs das cousas, para que o Commercio que, como elle diz, andava por todas as gentes sem lei, nem regras de prudencia, e sómente se governava pelo impeto da cubiça que cada hum tinha, o reduzisse a Arte, com regras universaes, e particulares, como as tem todas as Sciencias, e Artes activas pera se exercitarem bem, e politicamente. Segundo isto, continha esta obra dous argumentos, hum era a Historia Natural do Oriente das plantas, e animaes daquellas Provincias, e outro das obras artificiaes, e cousas pertencentes á commutação, e Commercio; de ambas estas materias deviam de ficar fragmentos que não sahíram á luz. Mas em lugar de João de Barros, escreveo das drogas do Oriente em vulgar o nosso Doutor Garcia de Orta com grande louvor, cujos livros são mui estimados, e andam traduzidos em lingua Latina por Carolo Clusio,

impressos em Anvers no anno de 1563, e depois outro discipulo do mesmo Garcia de Orta chamado Christovão da Costa, natural de huma das nossas Colonias de Africa, seguio esta empreza mais largamente, no Tratado que compoz em lingua Castelhana, das drogas, e medicinas do Oriente, com os retratos das mesmas plantas, o qual no seu Tratado do Elefante diz, que tambem tinha escrito outro livro de todas as aves, e outros animaes da Asia; pelo que com pouca razão dizem de nós alguns estrangeiros que passámos á India só com cubiça de suas riquezas, e não com curiosidade de manifestar ao Mundo as maravilhas que nella tem obrado a Natureza. O outro Tratado das cousas artificiaes dá a entender João de Barros que o deixou quasi acabado; posto que se não publicou, e os Hollandezes aproveitando-se deste conceito, tratáram esta materia em muitos lugares de seus livros das navegações Orientaes de maneira, que ainda que João de Barros não acabou esta, e outras obras, com tudo foi causa de termos hoje muitas dellas, ou dando o conceito, ou ainda insinuando a ordem, e materia. E podemos ter por sem dúvida, que todas estas emprezas acabára se tivera livre o tempo que o cargo lhe roubava, como o diz largamente o P. Mestre Fr. Simão Coelho

Car-

Carmelita em hum diſcurſo que fez ſobre João de Barros, lamentando-ſe, ainda em vida do meſmo Author, de lhe não darem os Principes o deſcanço neceſſario a ſeus eſtudos, o qual conclue com eſtas palavras: *Eſte mal como natural enfermidade tem ſoterrado eſte varão digno de o porem com muita honra, e deſcanço em lugar que com mais facilidade pudeſſe avivar com ſua penna a fama de ſua patria, como até qui o fez com muito trabalho.* Não devemos com tudo de nos eſpantar de faltar a ſemelhantes engenhos eſte repouſo, pois he tão grande a eſcaceza com que o Mundo galardoa, que em todas as Republicas ha muitos Miniſtros com poder de caſtigar, e hum ſó o tem pera dar o premio.

Porém levando o officio a João de Barros os dias inteiros, ſó lhe ficava parte das noites pera poder compôr, e aſſi não ſómente devemos ter em muito, que hum homem dividido em tão varios negocios ſe applicaſſe tanto ás letras, mas ainda que pudeſſe acabar com perfeição tantas obras no pouco eſpaço que lhe reſtava das noites. Pelo que com razão ſe admiram diſto Ludovico Vives no lugar já referido, e o Doutor Antonio Luiz, que fallando com o noſſo Author, diz aſſi: *Quamvis tum Regnum, tum Reipublicæ negotia tuis humeris incumbant;*

tot tamen legisti, & scripsisti naturali quadam mentis adjutus acie, ut legentibus occasionem inquirendi tribuas, quando homini tam occupato, & tantis curis distracto istbæc tam concinna, tam docta scribere vacavit, &c. Daqui podemos julgar que se os antigos celebráram tanto as Lucernas de Cleantes, e Aristofanes, que ficáram em adagio ácerca dos Gregos, e Latinos, com resultarem só deste estudo algumas Poesias tragicas, com quanta mais razão devem ser estimadas as vigias do nosso João de Barros, pois dellas nascêram não sonhadas fabulas, mas historias verdadeiras, e gravissimas, e tantas outras obras Mathematicas, e Moraes, as quaes podem além disso servir de exemplo aos estudiosos pera não desanimar no meio de grandes occupações, entendendo que lhe não faltará tempo pera si, e pera seus estudos, pois não faltou a Plinio, e a João de Barros entre tantos negocios públicos se o souberam aproveitar, como estes varões fizeram, por ser certa aquella sentença de Seneca, que o tempo não falta se o não perdemos: *Non exiguum temporis habemus* (diz elle) *sed multum perdimus, satis longa vita, & in maximarum rerum consummationem large data est, si tota bene collocaretur, sed ubi per luxum ac negligentiam defluit, ubi nulli rei bonæ impen-*

 di-

ditur, *ultima demum necessitate cogente*; *quam ire non intelleximus*, *transisse sentimus*; de maneira que não somos pobres de tempo, senão prodigos delle.

Destes fragmentos, e obras posthumas de João de Barros mandou ElRey D. Filippe primeiro de Portugal (como Protector que sempre se mostrou das boas artes) recolher no anno de 1591 as que se pudéram achar em poder de D. Luiza Soares, nora de João de Barros, que ficára viuva de Jeronymo de Barros seu filho mais velho, e só pelos quadernos da quarta Decada, e Geografia lhe mandou dar quinhentos mil reis; e desejando que sahissem á luz, mandou entregar estes papeis a D. Fernando de Castro Pereira Fidalgo de grandes partes, e muito douto nas letras humanas, o qual por falecer dahi a pouco tempo, os não pode aperfeiçoar. Por sua morte ordenou ElRey, que se recolhessem estes originaes em S. Roque, com tenção de fazer vir o P. Christovão Clavio da Companhia de Jesus para dar fim ao livro da Geografia, o que não teve effeito pelas occupações em que estava em Roma das suas composições. Daqui mandou entregar a quarta Decada a Duarte Nunes de Leão, pela opinião que delle tinha em materia de historia, e a outros homens doutos, que por diver-

versos impedimentos não puderam tirar estas obras á luz : o que sintindo ElRey, e querendo que ao menos se conservasse a ordem, e estilo desta historia, mandou a Diogo de Couto que seguisse a da India do ponto em que João de Barros deixára a terceira Decada, o que elle fez com diligencia, e acabou ainda em vida do mesmo Rey a quarta no anno de 1597, como se vê da Dedicatoria da mesma. Porém succedendo depois ElRey D. Filippe II. e querendo fazer mercê á memoria de João de Barros, e a todo este Reyno, ordenou que estes fragmentos da sua quarta Decada se entregassem a João Baptista Lavanha, quasi sincoenta annos depois de compostos, os quaes elle com muito trabalho, e diligencia reformou, e os illustrou com annotações, e taboas Geograficas de modo, que ficou esta quarta Decada hum dos melhores livros que hoje temos em nosso vulgar.

Estas foram as obras de João de Barros, o qual no fim do anno de 1567, achando-se cansado dos trabalhos, e cargos que tinha, e de algumas enfermidades que já por a idade o molestavam, desejou de se tirar de negocios, pera que dedicado todo a seus estudos vivesse só pera si; e posto que tinha filhos em idade sufficiente pera quem pudera pedir o officio, não o fez assi, antes livre-

vremente o renunciou nas mãos d'ElRey, querendo mais deixar seus filhos menos ricos, e fóra de occasiões em que podiam enlaçar a consciencia, que por ficarem com mais rendas mettellos nestes perigos. Acceitou-lhe ElRey D. Sebastião a cessão do cargo, e por este respeito lhe fez algumas mercês, de que as principaes foram, dar-lhe mil cruzados de tensa em vida, e licença pera poder mandar trazer da India tanto em drogas, e mercadorias, que lhe ficassem no Reyno quatro mil cruzados de ganho liquidos, libertando-o de todos os direitos, e frétes, filhou-o por Fidalgo com dous mil reis de moradia, e que por sua morte ficassem sincoenta mil reis de tença a sua mulher Maria de Almeida, e cento e sincoenta mil reis a seu filho Jeronymo de Barros até o prover de huma Commenda de mór quantia, e pera casamento de huma de suas filhas lhe deo a capitanía de duas náos de viagem da India, o que tudo depois se cumprio.

Concluidos estes despachos em Janeiro de 1568, foi-se João de Barros pera a sua quinta da ribeira de Alitem junto a Pombal pera possuir aquelle ocio da velhice, pelo qual suspiram tanto os homens, que só o cuidar, e fallar nelle tem por descanço, como de si confessava o Emperador Augus-

gusto, quando escrevendo ao Senado lhe dizia: *Me tamen cupido temporis optatissimi mihi provexit, ut quanquam rerum lætitia moratur, adhuc perciperem aliquid voluptatis ex verborum dulcedine.* Para este repouso desculpam os homens todos os tratos, trabalhos, e perigos da vida, e com tudo são rarissimos os que o alcançam, por grandes, e poderosos que sejam, padecendo os mais delles o naufragio da morte antes de tomar este porto, ou em chegando a elle.

Que a vida já gastada em buscar vida,
Falta para a lograr quando se alcança.

Como bem disse hum Poeta nosso, de maneira acabam a vida, quando cuidam que começão a viver. He porém esta vida solitaria do campo mui propria dos velhos, e sabios, segundo Tullio, que por este respeito tem esta idade por melhor affortunada, e tanto a estimou o famoso Similo de Dião Cassio, que só os annos que a possuio confessou em seu epitafio que vivêra.

Durou este repouso a João de Barros perto de tres annos, nos quaes parece que tratou mais comsigo que com os livros, porque levando a quarta Decada acabada de Lisboa (segundo se vê da sua Apologia, que mostra ser feita servindo ainda o officio) nem

a imprimio neſte eſpaço, nem deo fim á ſua Geografia; e ainda que as indiſpoſições daquella idade, que já ſegundo a eſcritura hia entrando nos annos de trabalho, e dor, podem ſer deſculpa deſte ſilencio, aſsás a tem tambem, ſe tomou eſte tempo pera ſi meſmo, pois tantos annos tinha vivido para os outros, e nelle ſe apparelhou para a ultima jornada, para ſe não achar naquella hora deſapercebido, a qual lhe ſobreveio neſte terceiro anno a 20 de Outubro de 1570, e foi enterrado em huma Ermida da invocação de *Santo Antonio*, que eſtá além do rio Arunca no termo de Leiria. Ao tempo que faleceo devia de ſer de 70 annos, e mais, o que ſe vê claro, porque ElRey D. Manoel lhe encommendou a hiſtoria da India no anno de 1520 em que ao menos devia ſer de 20 até 25 annos, pois ElRey o julgava já por peſſoa de quem ſe podia fiar tal empreza, e acreſcentando mais os ſincoenta que vão até o de 1570, fazem mais de 70; e por eſtas conjecturas ſe póde ter por certo o anno do naſcimento que lhe dei ao principio deſta relação.

Era João de Barros (ſegundo mo referio o P. João Alvares, aſſiſtente, e Provincial que foi da Companhia de Jeſus deſte Reyno, que o vio, e tratou em Lisboa no anno de 1563, e ſe vê do ſeu retrato) homem

de

de veneravel presença, alvo de côr, olhos espertos, e nariz aquilino, barba comprida, e toda branca, magro, e não grande do corpo, na pratica ainda que grave era aprasivel, e de grande conversação. Foi varão de vida exemplar, e mui pio, como se vê bem de suas obras, que podem ser nisto exemplo a outros Escritores modernos, os quaes compõem seus livros com tal esquecimento das cousas Divinas, que lidos elles, não se póde determinar se he o Author Christão, se Gentio, como já se disse de Joviano Pontano, e de outros. Esta piedade lhe fez procurar por tantas vias o melhoramento dos costumes de seus naturaes, compondo tantas obras, como foram as da *Espiritual Mercancia*, *Viciosa Vergonha*, *Exclamações contra o vicio*, *jogo das virtudes*, e ainda os *Tratados da Grammatica*, de maneira, que tomou o officio de Prégador com não pequeno fruto para todos os tempos, e idades; o que sendo nelle tanto de louvar, deo occasião áquelles que não querem ver seus vicios reprehendidos para o notarem de atrevido; de maneira, que lhe foi necessario responder no Dialogo da *Viciosa Vergonha* a seu filho Antonio de Barros entre outras estas palavras: *Não fez Deos differença de genero de idade, ou de algum estado, que desobrigue de aprender,*

e en-

e ensinar os preceitos da Lei, a todos em commum está encommendada. Não te pareça que este cuidado se encarregou só a Doutores agraduados em París, a graça do Baptismo habilitou a todos; muitos offerecêram no templo grandes offertas, e sómente louvou Christo a mealha da pobre viuva, porque deo de coração toda sua possibilidade. Todos corremos em aprazer ao Senhor, e quem zelar sua lei merecerá ser aspirado pera o ministerio della: e dado que eu não seja dos escolhidos pera o ministerio do ensinar, sou dos chamados pera obsequio da Lei; e se me por isso reprendem, bemaventurados aquelles, que padecem perseguição pela justiça, mas não mereço tanto ante Deos, que veja esta bemaventurança.

A inteireza, e verdade com que procedeo, sem ser vencido do interesse, podemos ter por milagrosa, pois a Sagrada Escritura lhe dá este titulo, quando diz, que o homem que despreza o ouro faz milagres em sua vida. O como nesta materia se houve João de Barros consta da abonação dos mesmos Reys, a quem servio, os quaes em todas as Provisões das mercês que lhe fizeram, dizem sempre que lhas fazem pela satisfação com que servio o officio de Feitor da Casa da India e Mina, como o já referimos. He tambem assás bom testemunho dis-

disto o pouco que deixou a seus herdeiros, havendo outros, que com o mesmo officio os enchêram de heranças; e assi disculpando-se elle com seu filho Antonio de Barros no Dialogo da *Viciosa Vergonha*, diz, que o queria deixar bem herdado em virtuosos costumes, e em outras praticas de sciencias, por ser herança composta de suas proprias achegas; e logo segue, dizendo: *Trabalharei por te não envergonhar com edificios que tem a magestade, e opinião da torre de Babylonia, os quaes depois de compostos vem a confusão eterna, que os divide em tantas linguas, quantas foram as achegas de que se fundáram; e daqui vem quantas heranças vemos sem proprias herdeiros, porque como se ajuntáram de estranhas fazendas, estranhos as herdam. Crê-me, que nunca alguem perdeo o proprio, e por isso me ficam deste meu trabalho duas esperanças: huma, que nunca por elle serás citado, pois são noites minhas veladas; e a outra, que tempo virá em que serei julgado por homem zeloso do bem da Patria.* Neste lugar vai discursando sobre os excessos que os pais commettem por deixarem os filhos ricos, seja donde for, ganhando com isso muitas vezes pera si proprios condemnação eterna, e deixando os filhos não herdados de bons costumes, mas azados pera lança-

rem

rem mão de todos os vicios; e pera perderem tanto da honra de ſeus avós, quanto ganháram outros que não herdáram eſta iſca de erros. Tambem no Prologo da quarta Decada ſe torna a deſculpar com os ſeus deſta contínua queixa que delle tinham, dizendo: *Se no meſmo officio não temos tanta ſer, como elles dizem que tiveram aquelles, a quem nós ſuccedemos, não ſerá porque elle tiveſſe nelles mais do que tem em vós, mas porque elles tiveram delle mais do que nós tivemos: e a cauſa fique pera outro lugar, porque aqui não ſoffre o tempo ſer manifeſta, &c.* Eſta rara inteirèza moveo aos Reys a lhe fazerem por vezes algumas mercês, entre as quaes ElRey D. João III. no anno de 1550, lhe deo licença pera em quanto viveſſe poder mandar vir per ſua conta da India tantas mercadorias, que tiraſſe dellas forros cada anno no Reyno quinhentos cruzados. E ElRey D. Sebaſtião lhe perdoou as dividas em que lhe eſtava de certa artilheria, armas, e munições, do tempo da viagem do Maranhão, que importariam mais de ſeiscentos mil reis. E no anno de 1563, lhe fez mercê de algumas mercadorias que eſtavam na Caſa da India, e outras couſas de valor de ſeiscentos e cincoenta mil reis. Depois do ſeu falecimento pelo meſmo reſpeito fez mercê a

ſua

ſua mulher da quantia de quinhentos mil reis. E ElRey D. Filippe I. deo cem mil reis de tença a Jeronymo de Barros ſeu filho, com licença de teſtar de trinta mil reis delles em quem lhe pareceſſe. Mas ſe por cumprir João de Barros com ſua obrigação não deixou grandes heranças a ſeus deſcendentes, nem por iſſo ſe devem elles ter por menos affortunados, porque ſe os pais ajuntam eſtas riquezas para que fiquem ſeus filhos mais honrados na República, não podiam os de João de Barros poſſuir morgados, por rendoſos que foſſem, que tanto os honraſſe como terem tal pai, o qual por ſuas illuſtres obras he tão inſigne no Mundo, que lhe podem ter inveja muitos poderoſos, e Principes delle; pois he certo, que hum engenho raro, e eminente honra não ſómente huma Familia, Cidade, e Provincia inteira, mas ainda a idade, e ſeculo em que naſceo fica illuſtrado com produzir hum varão tão excellente.

Teve feliz memoria; á qual ajudou muito com a artificial. Foi de grande conſelho, prudencia, verdade, e credito com todos, e por eſtas, e outras boas partes era buſcado, e amado de muitos, poſto que lhe não faltáram alguns emulos (de quem ſe elle queixa na ſua Apologia da quarta Decada) que he ſinal manifeſto da virtude,

por-

porque os máos naturalmente aborrecem os bons por serem contrarios a seus costumes. Foi casado com Maria de Almeida, irmã de Lopo de Almeida morador em Leiria, e filha de Diogo de Almeida de Pombal; da qual teve dez filhos, que foram, Jeronymo de Barros, Antonio de Barros, e João de Barros, que lhe ElRey D. João filhou por moços Fidalgos; Lopo de Barros, a quem tambem filhou ElRey D. Sebastião no mesmo foro. Das filhas, huma foi D. Maria de Almeida, de que faz menção no Dialogo do jogo das virtudes moraes, e a outra D. Isabel de Almeida, que casou com Lopo de Barros, e D. Catharina de Barros, mulher de Christovão de Mello, filho de Diogo de Mello da Silva, Veador da Raynha D. Catharina; dambas estas filhas ha hoje descendencia. Das outras duas não chegáram os nomes á minha noticia. Dos filhos o mais velho Jeronymo de Barros casou com D. Luiza Soares, e morreo sem ter geração; dos outros João de Barros morreo na batalha de Alcacere. Á India foram Diogo de Barros, a quem matáram os Mouros, e Lopo de Barros, que foi Capitão de Baçaim, e casou lá com D. Micia de Siqueira, de quem teve a D. Catharina de Barros mulher de Pero Peixoto da Silva.

Es-

Esteve o corpo de João de Barros naquella Ermida de Santo Antonio até o anno de 1610, em que o Bispo Capellão mór D. Jorge de Ataíde, Commendatario perpétuo do Mosteiro de Alcobaça, lhe fez trasladar os ossos pera a Capella mór da Igreja Paroquial da mesma Villa de Alcobaça, que elle mandou acabar, onde lhe queria fazer huma sumptuosa sepultura. Procedeo este piedoso cuidado ao Bispo de saber, que fora João de Barros seu Padrinho de pia, porque o Conde da Castanheira o tomou por Compadre no tempo de sua mór valia, antepondo as virtudes, e partes que havia nelle, aos titulos, e honras que outros em semelhantes actos pertendem. Não pode todavia o Bispo Capellão mór acabar esta obra com aquella grandeza, e perfeição, com que fez outras muitas neste Reyno, porque lho atalhou a morte. Porém se nesta sepultura faltam a João de Barros os tumulos de marmore, pyramides, e outros ornamentos funeraes, com que os poderosos do Mundo procuram dilatar sua lembrança, tem logo com seus escritos, e virtudes levantado na memoria dos homens maiores, e mais duraveis mausoleos, que os que em Asia fizeram huma das maravilhas do Mundo.

NO-

NOTICIA DOS AUTHORES, QUE ESCREVERAM DE JOÃO DE BARROS,

E Catalogo das Obras, que compoz, extrahidas da Bibliotheca de Diogo Barbosa Machado Tom. 2. pag. 606. até 609.

FOram muitos os Elogios, que á penna de João de Barros dedicáram célebres Escritores, dos quaes aqui daremos huma breve noticia.

Nicoláo Antonio *Bibliotheca Hisp.* Tom. 1. pag. 498. col. 1. *Virum quidem eximia mentis acie, memoriaque, ac multa bonorum Auctorum lectione; quorum fidem, judicium, perspicuitatem, atque elegantiam, præter alias virtutes, in contexenda Historia Lusitani sui idiomatis fere principe, fuit imitatus.* Macedo *Flor. de Hespan.* Cap. 8. excel. 9. *En el Historiar fue excellentissimo por la verdad, clareza, y juizio, que en sus Decadas guardò*, e na *Eva e Ave* Part. 1. Cap. 42. num. 3. *grande Historiador.*

Fr. Simão Coelho *Chron. do Carmo* Liv. 2. Cap. 6. *mui douto, e elegante.* Pineda *de reb. Salom.* Liv. 4. Cap. 11. *Præclarum.* Pacheco *Vida de la Inf. D. Mar.* Liv. 1. Cap. 4. *Gran Escritor*, e Cap. 7. *insigne Historiador.*

Maffeo *Hist. rer. Ind.* Liv. 1. *gravis Auctor.* D. Francisco Manoel *Epanaf. de varia Hist.* pag. 226. *famoso Historiador, e Filosofo.*

Ant. Lud. *Tract. de Pudor.* que lhe dedicou: *Tu eruditione, & nobilitate præstas: nulli otii, & negotii ratio magis quam tibi uni constat, & perire omne opus arbitraris, quod in Libris, Literisque non insumatur; dies Reipublicæ impendis, noctem cum Musis, & ingenuis commentationibus commutas, maioremque omnino partem studio, quam somno tribuis: tuoque ex ore (quod de Nestore scripsit Homerus) melle dulcior profluit oratio.* Fr. Manoel da Esperança *Histor. Seraf. da Prov. de Portug.* Tom. 2. Liv. 12. Cap. 24. n. 5. *com penna sobre todas elegante fez voar pela largueza do Mundo a fama miraculosa do esforço Portug.* Faria *Asia Portug.* no Prolog. da 1. Part. n. 6. *Varon de antiga capacidad en sciencia, e elegancia.* Gandavo *Hist. da Provincia de Santa Cruz*, Cap. 1. *Illustre, e famoso Escritor.* Ambrosio de Morales *Chron. de Hespan.* Liv. 12. Cap. 38. *Digno de ser mucho alabado per su ingenio, muchas letras, y gran juizio.* Solorzano *de jure Ind.* Tom. 1. Liv. 1. Cap. 3. n. 48. *Egregium Scriptorem.* Sousa *Hist. Gen. da Casa Real Portug.* Tom. 8. no fim pag. 27. *Insigne*

Es-

Escritor.... varão verdadeiramente grande. Sá *Mem. Hist... dos Escrit. do Carm.* pag. 322. *célebre, e erudito Escritor.* Severim *Disc. Var. Polit.* pag. 23. *Trabalhando toda a vida por illustrar a patria, e deixar de seus naturaes gloriosa memoria.*

Catalogo das obras que sahíram á luz publica da Impressão.

Chronica do Emperador Clarimundo, donde os Reys de Portugal descendem. Coimbra por João de Barreira 1520. fol. *& ibi* pelo mesmo Impressor 1553. fol. e Lisboa por Antonio Alvares 1601. fol. *& ibi* por Francisco da Silva 1742. fol.

Primeira Decada da Asia dos Feitos, que os Portuguezes fizeram no descubrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente. Lisboa por Germão Galherde aos 24 dias de Março de 1553. fol.

Segunda Decada da Asia, &c. Lisboa pelo dito Impressor, e no mesmo anno, fol.

Estas duas Decadas sahíram traduzidas em Italiano por Affonso Ulhoa, com este titulo: *L'Asia del S. Giovanni di Barros Consigliero del Christianissimo Re di Portogallo de' Fatti de' Portughesi nello scoprimento, e conquista de' mari, e terre di Oriente.* Venetia apresso Vincenzo Valgrisio 1562. 4.° 2. Tom.

Terceira Decada da India, &c. Lisboa por João Barreira 1563. fol.

Sahiram estas tres Decadas reimpressas primorosamente por ordem do Senado de Lisboa, *ibi* por Jorge Rodrigues 1628. fol.

Absolutissimum, cælatumque novem Musis opus, ut Horatio utar (são palavras, com que o grande Nicoláo Antonio *Bib. Hisp.* Tom. I. pag. 498. col. 2. exalta esta Historia) *mansurumque in omnem ætatem dum laude maxima sui artificis: quo eminet incorrupta fides, luculenta oratio Livianæ æmula, Geographiæque totius earum partium, quas describit stilo, multa & accurata cognitio.*

Quarta Decada da India. Madrid em a Impressão Real 1613. fol. Esta Decada, que ficou imperfeita, conservava Luiza Soares nora de João de Barros, e viuva de Jeronymo de Barros seu filho mais velho, de cujo poder a extrahio no anno de 1591 Filippe Primeiro de Portugal, mandando-lhe dar quinhentos mil reis, e commettendo a D. Fernando de Castro Pereira Fidalgo de grande talento, e depois a Duarte Nunes de Leão muito versado na Historia, a coordinação desta Decada; e como assim hum, como outro não effeituassem o intento d'El-Rey, foi dada esta incumbencia por Filippe Segundo a João Baptista Lavanha Cosmo-

mografo mór do Reyno, que não sómente a ordenou, mas illustrou com doutas notas, e Taboas Geograficas.

Cartinha para aprender a ler. No fim tem estas palavras: *A louvor de Deos, e da Virgem Maria. Acaba-se a cartinha com os preceitos, e mandamentos da Santa Madre Igreja, e com os Mysterios da Missa, e Responsorios della. Impressa em a mui nobre, e sempre leal Cidade de Lisboa por authoridade da Santa Inquisição em casa de Luiz Rodrigues Livreiro d'ElRey nosso Senhor com Privilegio Real a 20 de Dezembro de 1539.* 4.

Nesta obra ensina a ler, e para mais clareza dos principiantes buscou a cada letra do Alfabeto huma figura, que principia pela mesma letra, para que fique mais fixa na memoria. Sobre o A huma *Arvore*, sobre o B huma *Besta*, e assim em as que se seguem. Foi dedicada ao Principe D. Filippe filho d'ElRey D. João o III. que aprendeo a ler por ella; e como tivesse antes a Cartinha de D. Fr. João Soares Mestre do dito Principe, imaginarão muitos que era obra sua, sendo certamente de João de Barros.

Grammatica da lingua Portugueza. Olysipone apud Ludovicum Rotorigium Typog. 1540. 4.° No prologo diz: *Em a cartinha passada demos Arte pera os meninos facil-*

mente aprenderem a ler.... fica agora darmos os preceitos da nossa Grammatica, de cujo titulo intitulamos a Cartinha, &c. Nesta obra traz hum Tratado da *Orthografia da lingua Portugueza* as fol. 40. e *Dialogo em louvor da nossa linguagem, &c.*

Dialogo da Viciosa Vergonha. Olyssipone apud Ludovicum Rotorigium 1540. 4.º no fim: *Imprimido em casa de Luiz Rodrigues Livreiro d' ElRey nosso Senhor com Privilegio Real aos 12 de Janeiro de* 1540. 4.º Nesta Obra instrue a puericia com doutrinas opportunas a esta idade; e posto que era o argumento moral, pedio ao insigne Medico, e Filosofo o Doutor Antonio Luiz, que lhe ministrasse as noticias pertencentes á materia de que escrevia, extrahidas da Filosofia natural. A esta supplica satisfez Antonio Luiz, compondo o Tratado de *Pudore*, que ao mesmo João de Barros dedicou.

Dialogo de preceitos moraes com pratica delles em modo de jogo. Lisboa por Luiz Rodrigues Livreiro d' ElRey nosso Senhor 1540. 4.º São Interlocutores o Author com seus filhos Antonio, e Catharina. Dedicado á Princeza D. Maria, que depois casou com Filippe Prudente, a qual jogava com seu Pai ElRey D. João o III. este jogo de Tabolas, reduzindo a elle as Ethicas de Aris-

toteles, onde se introduzíram as virtudes, e vicios por excesso, ou defeito. Teve intentos de regular a Economia pelo jogo das cartas, e a Politica pelo xadrês, por serem estes jogos os mais communs.

Rhopica Pneuma, ou mercadoria espiritual. He hum colloquio metaforico, em que são Interlocutores o Entendimento, e a Vontade. Lisboa 1532. 4.° dedicado a Duarte de Rezende seu parente. Foi tão estimada esta obra pelo eruditissimo Luiz Vives, que dedicou a João de Barros, no anno de 1535, o seu Tratado *Exercitationes animi in Deum*, e na Dedicatoria lhe diz estas palavras: *Christophorus Mirandus meus declaravit nobilitatem tui generis, tum ingenium, eruditionem, & probitatem, quæ ego ex opusculo quodam tuo vestrati lingua conscripto facile perspexi, non potui non complecti, & suscipere dotes animi exercitas inter negotia, tam varia, & magna, &c.*

Panegyrico á mui alta, e esclarecida Princeza Infanta D. Maria nossa Senhora. Consta de 80 §§. Sahio a primeira vez impresso em as *Noticias de Portugal*, composta pelo eruditissimo Chantre de Evora Manoel Severim de Faria. Lisboa na Officina Crasbeeckiana 1655. fol. Segunda vez se imprimio na vida da mesma Princeza escrita por Fr. Miguel Pacheco Religioso da

Or-

Ordem Militar de Christo. Lisboa por João da Costa 1665. fol. desde fol. 143. verso até 164. o qual assim á obra, como a seu Author faz o seguinte Elogio: *Hizo Barros esta obra con tanta erudicion, y lugares de la Escritura Divina, y humana, que haviendo muchas y sus Decadas tan celebres en Europa, la prezente en su genero vence todas, y la igualan algunos al Panegyrico, que escrevio Plinio a Trajano, que se estima por lo mejor de todo lo que se halla deste gran ingenio, y juizio.* Sahio terceira vez em a segunda Impressão das *Noticias de Portugal.* Lisboa por Antonio Isidoro da Fonseca 1740. fol. desde pag. 395. até 430.

Ao muito alto, e muito poderoso Rey de Portugal D. João III. deste nome, Panegyrico em o anno de 1533. Sahio na segunda Impressão das *Noticias de Portugal.* Lisboa por Antonio Isidoro da Fonseca 1740. fol. desde pag. 287. até 380. He muito extenso, e ornado de erudição sagrada, e profana.

Obras Manuscriptas.

Problemas Moraes. Allega esta obra no *Dialogo da* Viciosa Vergonha.

Exclamação contra as opiniões, e abusos do Mundo presente. He obra muito sen-

ten-

tenciosa, e cheia de Filosofia moral, escrita em mais de 460 Redondilhas, dirigida com hum largo discurso a seu grande amigo João Rodrigues de Sá Menezes senhor de Sever, e Matozinhos, e Alcaide mór da Cidade do Porto, em o anno de 1561. Começa:

Aquella eterna Mente
Alta luz inaccessivel,
Em si mesma permanente,
Sem moto, ou accidente,
Não sendo comprehensivel,
Por fé cremos firmemente.

Decada da Africa. Faz memoria desta terceira obra na Decada da Asia Liv. V. Cap. VIII. e a teve em seu poder o Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha Arcebispo de Lisboa, como affirma Manoel de Faria e Sousa no *Catalogo dos livros*, que traz ao principio do primeiro Tom. da *Asia Portug. n.* 81.

Geographia universalis. Desta obra faz repetida memoria na Decada I. Cap. I. e Liv. IV. Cap. II. e Decada II. Liv. I. Cap. III. e Liv. VIII. Cap. IV. Era huma combinação da Geografia antiga com a moderna, descrevendo primeiramente os instrumentos da navegação, e depois as situações das Provincias, arrumações das terras, e costumes de seus habitadores. Hum fragmento desta obra conservava seu filho Jeronymo de Barros, que offereceo a ElRey D. Sebastião, e in-

e infelizmente se perdeo, como escreve Faria no *Catalogo dos livros* collocado ao principio do Tom. I. da *Asia Portug. n.* 81. E no *Comment. ás Lusiad. de Cam. Cant.* 8. *Estanc.* 5. affirma que conservava alguns fragmentos da dita Geografia; da qual faz menção o moderno addicionador da *Bibl. Geograf.* de Antonio de Leão, Tom. III. col. 1319.

Historia natural do Oriente, que consta de plantas, e animaes daquellas Provincias, e das obras artificiaes pertencentes á Commutação, e Commercio de ambas estas materias. Desta obra se lembra na Decada I. Liv. VI. Cap. IV.

Summario, que trata das Provincias do Mundo, em especial das Indias, assim de Castella, como de Portugal, e trata largamente da Arte de marear juntamente com a esfera em romance com o regimento do Sol, e do Norte, e outras derrotas, e alturas das terras, e com outras muitas cousas necessarias aos navegantes, fol. conserva-se na livraria do Excellentissimo Marquez de Abrantes, e parece ser o original. Começa: *Haveis de saber, que assim como os circulos dos horizontes, &c.*

Historia dos Reys da Persia, Grão Tamorlão, e Preste João. Ficou incompleta, e se conserva na Bibliotheca Real.

IN-

INDICE
DAS COUSAS MAIS NOTAVEIS DESTA OBRA.

T. significa Tomo, P. Parte, p. pagina.

A

Mar-

Ai-

Ma-

Ali-

Ca-

da

outros particulares. ib. p. 87. Huma Armada á conquista das Canareas, Capitão Mór D. Fernando de Castro. ib. p. 100. Alvaro Fernandes. ib. p. 121. Dez Caravellas. ib. p. 121. Em 1447 dous Navios Capitão Gomes Pires. ib. p. 126. Em 1448 Diogo Gil. ib. p. 126. Fernão Affonso. ib. p. 127. Em 1481 treze vélas Capitão Mór Diogo d' Azambuja. ib. p. 154. Em 1484 Diogo Cam. ib. p. 171. e 174. João Affonso d'Aveiro. ib. p. 178. Em 1486 tres Navios Capitão Bartholomeu Dias. Gonsalo Coelho. ib. p. 205. Vinte vélas Capitão Pero Vaz da Cunha. ib. p. 221. Em 1490 tres vélas Capitão Gonsalo de Sousa. ib. p. 224. Tres vélas em 8 de Julho de 1497 Capitão Vasco da Gama: huma Não de mantimento. ib. p. 279. Em 8 de Março de 1500 Pedralves Cabral com treze vélas. ib. p. 384. Em 5 de Março de 1501 quatro vélas João da Nova. ib. p. 403. Em 10 de Fevereiro de 1502 quinze vélas Vasco da Gama: e em 1 de Abril mais sinco Capitão Estevão da Gama. T. 2. P. 2. p. 23. Em 6 de Abril de 1503 tres Náos Affonso de Alboquerque. ib. p. 86. Em 14 de Abril tres Náos com Francisco de Alboquerque, e tres com Antonio de Saldanha. ib. p. 86. Em 23 de Abril de 1504 treze vélas Capitão Lopo Soares. ib. p. 149. Em 25 de Março de 1505 vinte e dous Navios D. Francisco de Almeida: hum em 18 de Maio do dito anno Capitão Pero da Nhaya. ib. p. 195. Em 6 de Março de 1506 quatorze vélas Capitão Tristão da Cunha. T. 2. P. 1. p. 4. Em 20 de Abril de 1507 duas vélas Capitão Jorge de Mello Pereira: seis vélas Capitão Fernão Soares: quatro vélas Capitão Lopo Cabrera: e duas vélas Capitão Martim Coelho. ib. p. 85. Em 5 de Abril de 1508 quatro vélas Capitão Diogo Lopes de Siqueira: em 9 do dito treze vélas Capitão Jorge d' Aguiar. ib. p. 225. Em 12 de Março de 1509 quinze vélas Capitão D. Fernando Coutinho. ib. p. 329. Em 12 de

Mar-

faz

B

á gen-

Ma-

Nós

lar

Tor-

Fun-

T.

Mo-

Cal-

Ba-

tães

Cas-

Ca-

Cha-

Ma-

Chei-

Chi-

Rey

Pe-

Ba-

Co-

Co-

cer-

Pre-

que

Cu-

D

Da-

Da-

De

Es-

Dio-

E

Ele-

Es-

Ex-

Far-

Dio-

Fer-

Fi-

re

Faz

Gra-

H

Co-

di-

Goa.

Me-

Ja-

Ignez

Da-

Ju-

em

L

Fer-

Rey

Lo-

M

T.

Ma-

Ma-

Man-

da

Man-

u-

Mar-

Mas-

Me-

So-

Le-

Hen-

Ci-

Ruy

Mir

Mir-

Ca-

Agá

Ca-

P.

Sua

he-

No-

No-

Nu-

O

fa-

P

p.

Pal-

Pa-

Pau-

In-

Pen-

Fran-

Pe-

Dif-

Q

res-

R

Ra-

Ro-

Mes-

De-

Sa-

Fer-

Vas-

So-

dia;

Tem

p.

Bel-

João

Rey

Sym-

T

Leo-

Fran-

Por

Ti-

Se-

Tre-

Ruy

Lo-

Ruy

Ve-

o Ni-

Gon-

Ulid.

Xá,

X

Xaer,

Za-

Z

FIM.